

Líder diz que garimpeiros não vão sair da reserva

OLYMPIO BARBANTI JR.

Enviado especial a Boa Vista

O presidente da União dos Garimpeiros, José Altino Machado, afirmou ontem, em Boa Vista (RR), que a operação de retirada dos garimpeiros da área indígena ianomami, marcada para ter início hoje, não deve ocorrer. "Está havendo um entendimento com a Polícia Federal para que primeiro se atue através do diálogo", disse José Altino. Para ele, uma ação de retirada dos garimpeiros seria uma "aventura armada na Amazônia". José Altino reconheceu que podem haver "incidentes" entre policiais e garimpeiros.



O líder garimpeiro acredita que "pouquíssima gente" vai sair das

áreas de garimpo. "Todo mundo está estocado de alimentos e combustível", disse ele. Altino garante que "há muitos caminhos" para que os garimpeiros continuem operando no interior do Estado. A ação prevista pela Polícia Federal prevê o fechamento do aeroporto de Boa Vista aos garimpeiros, que então não poderiam voltar às suas áreas e reabastecer o garimpo. Um mapeamento realizado em 1988 pela Superintendência de Controle de Endemias indica a existência de mais de cem pistas de pouso em Roraima, um Território Federal de tamanho aproximado ao do Estado de São Paulo.

José Altino Machado afirmou que a ação da PF é de "cunho político" porque garimpeiro não é "bandido ou malfeitor". Para ele, o número de garimpeiros no interior de Roraima diminuiu dos 40 mil existentes no período de pico da extração de ouro para

"uns 26 mil homens". Altino reclama que o governo preocupa-se com a malária que ataca os índios, mas nada faz para acabar com a malária que atinge os garimpeiros. "No ano passado morreram 436 garimpeiros com malária", disse ele. A União dos Garimpeiros alugou ontem três helicópteros (dois pequenos e um grande) e cinco pequenos aviões para levar garimpeiros e um grupo de 16 jornalistas a áreas de garimpo onde a reportagem da Folha já esteve anteontem. O grande helicóptero, um Bel 205, pode levar 12 passageiros. O aluguel de um monomotor em Roraima custa cerca de NCz\$ 10 mil por hora de voo. Um helicóptero pequeno pode ser alugado para três horas de voo por US\$ 2 mil. O trabalho de "relações públicas" de José Altino deve levar cerca de três horas de voo.

O jornalista **OLYMPIO BARBANTI JR.** viaja sob patrocínio da Varig



Índios ianomami na aldeia do Demini em outubro de 89, um mês antes que a malária começasse a atingir a região

Estudo faz ligação entre malária e garimpo

Do enviado especial a Boa Vista

Um estudo realizado no posto médico da Funai em Boa Vista comprova a existência de uma relação direta entre a presença de garimpeiros na área ianomami e o adoecimento dos índios. Essa relação é contestada por lideranças dos garimpeiros e já foi posta em dúvida pelo governo do Território de Roraima. O estudo, desenvolvido pelo médico-sanitarista Oneron de Abreu Pihan, apresenta estatísticas das internações e dos diagnósticos clínicos dos ianomami internados entre janeiro de 1987 e agosto de 1989.

Nesse período, o posto médico da Funai denominado Casa do Índio recebeu 495 internações de ianomami com malária, doenças venéreas, infecções respiratórias agudas, varicela e desnutrição. Devido à baixa resistência às doenças "dos brancos", a maior parte dos índios foi "acometida simultaneamente por mais de uma doença", diz o relatório. 43,4% dos internos tiveram um

diagnóstico, 33,9% tiveram dois, 15% tiveram três e 4%, quatro ou mais diagnósticos.

A malária foi e continua sendo a principal doença a atacar os ianomami. "Entre 87 e 89, quintuplicou o número de casos de malária", diz o médico Oneron. Segundo ele, no caso dos índios a doença sempre acarreta desnutrição. No ano passado, 50% dos casos de malária ocorreram na área de Paapiú, justamente onde houve em 89 a maior concentração de garimpeiros em Roraima. Muitos índios também adoeceram nas áreas de Mucajai e Auaris, outros locais de concentração garimpeira. Todas essas áreas se localizam nas zonas oeste e noroeste de Roraima, regiões de selva amazônica.

Entre os outros diagnósticos, o médico Oneron Pihan destaca o registro de dois casos de doenças venéreas em 1988 e cinco casos em 1989. Segundo ele, apesar do baixo número absoluto de casos, configura-se uma situação de epidemia porque a doença inexis-

tia entre os índios. A Folha apurou que na última segunda-feira uma índia da etnia Macuxi, portadora do vírus da Aids, foi levada de avião a Manaus.

A desnutrição grave afetou três ianomami adultos de 1987. Em 1988, foram 16 casos de desnutrição, sendo 11 deles em crianças menores de 5 anos de idade. Desses 16 casos, nove procederam da área de Paapiú. A desnutrição, associada à fraqueza causada pela malária também pode ser explicada pela presença do garimpo, relata o médico.

Segundo seu estudo, os garimpeiros em terras indígenas aumentam a disputa por alimentos (caça e vegetais). O barulho dos aviões e dos motores de garimpo afugentam os animais que poderiam ser caçados. A garimpagem enche de lama os rios e diminui a pesca. A diversificação de alimentos — com a introdução de doces no hábito dos índios — altera sua dieta e leva os ianomami à mendicância. (OPJ)

Máquinas aumentam produção Secretário encontra poucos ianomami

Do enviado especial

O garimpo no Brasil sofreu um grande aumento de produção nos últimos três anos devido à mecanização da atividade. A lavagem manual da terra cedeu lugar a potentes motores. Nesse tempo, o garimpeiro se especializou. Surgiram as balsas de mergulho e as dragas para operar em rios profundos, apareceram os bico-jato (mangueiras de alta pressão) utilizadas em barrancos, ambos no garimpo de ouro. E ganharam força os garimpos de cassiterita (estanho) e diamante (indústria e comercial).

Nesse cenário, o lumpem-garimpeiro esfarrapado cedeu lugar a homens de classe média-baixa e média-média que passaram a ganhar bastante dinheiro e encarar a extração de ouro como um empreendimento.

A possível retirada de garimpeiros da área ianomami em Roraima causa tanto medo na sociedade local quanto causaria em qualquer outro ponto de garimpo

no Brasil. Os investimentos em joga são muito altos. Uma draga (que em Roraima é utilizada no rio Mucajai) pode custar até cinco quilos de ouro (NCz\$ 1,74 milhão). Uma hora de voo até o garimpo — único meio de transporte na maior parte dos casos —, custa NCz\$ 10 mil em média.

A produção de ouro e a economia nela envolvida não têm registros seguros no departamento Nacional da Produção Mineral — DNPM, órgão do Ministério das Minas e Energia, e em outros ministérios.

O garimpo no Brasil é uma atividade legal e, a princípio, não deprecia quem nela atua. De um maneira geral, tem servido como motor da economia do norte do país. Em Roraima, como em outros locais da Amazônia, há garimpeiros provenientes de todos os locais do Brasil. Mas a grande maioria deles, cerca de 70%, vêm do Maranhão, segundo a União dos Garimpeiros. (OBJ)

Secretário encontra poucos ianomami

Do enviado especial a Boa Vista

Ao visitar as áreas de Surucucu e Paapiú e encontrar poucos índios, todos são, o secretário-geral-adjunto do Ministério da Saúde, Luis Saraiva Leite, achou que tinha havido um engano no anúncio de casos de doença na área. "Anunciam uma coisa e a gente encontra outra", disse na última quarta-feira. Saraiva Leite é o coordenador-geral da operação de saúde para os ianomami.

As malocas indígenas de Surucucu estão afastadas da pista de pouso. A única próxima ao local está vazia porque os índios saíram para caçar, segundo os militares do Exército do pelotão de fronteira localizado ao lado.

Em Paapiú, a maloca visitada por Saraiva Leite estava vazia porque foi a mais atingida pela malária. Seus índios já morreram ou estão internados em Boa Vista. Na área, só se chega a outras malocas onde há ianomami doentes de helicóptero. (OBJ)